

ΠΡΟΛΟΓΟΣ — PROLOGIVM

É tempo de a revista Humanitas prestar a devida homenagem à Prof.^a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, após quase quarenta e quatro anos de serviço prestado ao Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra (15-XII-1951 / 3-IX-1995). E que grandes serviços ela prestou! Desde então não há número da Humanitas em que a sua colaboração não tenha ilustrado as várias secções da revista: artigos, notícias e comentários, recensões críticas, etc. No Instituto tudo mereceu o seu cuidado: o atendimento de alunos, a organização e recheio da biblioteca, oferta de livros, a colaboração na direcção ou na própria responsabilidade maior de toda a orientação. Bem se lhe pode aplicar a palavra de Nausícaa: τὰ δ' ἐμῇ φρενὶ πάντα μέμηλεν — «tudo isso está a meu cargo» (segundo a sua tradução, Odisseia VI, 65).

Igual cuidado lhe mereceu, desde a fundação (1957) até ao presente, a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, na qualidade de vice-presidente. Foram o lançamento e as dificuldades dos primeiros tempos, o relacionamento com os sócios, as conferências, a organização de colóquios, até a participação em passeios de estudo; e sobretudo a promoção e defesa constante dos estudos clássicos, junto das instâncias superiores, na imprensa, na vida de relação com todos: τὰ δ' ἐμῇ φρενὶ πάντα μέμηλεν.

Mas, num professor, o que melhor marca a sua missão é o magistério. Não só a docência, mas o exemplo, o estímulo, a captação dos alunos (alumnus, de alo, «alimentar») para a investigação e o ensino, tanto secundário como superior. E é nas aulas que a Prof.^a Rocha Pereira iniciava sempre a sua acção de captação — digamos mesmo, de sedução —

dos alunos para os valores da cultura clássica. As aulas são para ela um laboratório, «trabalho de criação e de renovação constante» (prefácio de Poesia Grega Arcaica). A renovação é feita através de uma permanente actualização bibliográfica: «cada ano, em Homero, é preciso ler, de novo, 300 ou 400 páginas» — dizia no curso que seguimos. A criação é fruto da reflexão, da crítica, da integração do saber alheio no próprio sistema de pensamento.

Aulas, artigos, livros de tese e de ensaios, traduções, convivência — tudo contribui para a Prof.^a M. H. da Rocha Pereira irradiar o ideal a que se consagrou: «difundir o conhecimento da Antiguidade Greco-Latina» e «pôr em evidência o legado clássico na Literatura Portuguesa». Hoc erat in uotis — diz (pref. de Hélade, 1.^a edição) citando Horácio (Sátiras II,6,1).

A Prof.^a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira estendeu, todavia, a sua acção muito para além do Instituto de Estudos Clássicos — certamente sempre a pensar nele. Na Faculdade de Letras foi professora-bibliotecária, membro do Conselho Directivo, Presidente do Conselho Pedagógico e, por doze difíceis anos, Presidente do Conselho Científico. Nos órgãos centrais na Universidade de Coimbra foi membro do Senado e Vice-Reitora. E mais, e mais: consultora do INIC e da Fundação Calouste Gulbenkian e de outras organizações culturais portuguesas e estrangeiras. E toda esta actividade redundou em prestígio do nosso Instituto.

Da Prof.^a Rocha Pereira pode dizer-se, com verdade, tanto do ponto de vista filológico como da acção académica, o que ela escreveu sobre o seu professor em Oxford, E.R.Dodds: «a cujo vasto saber e nunca desmentida afabilidade não recorri nunca em vão.» Tal saber e operosidade não podem deixar de no-la colocar a certa distância, parecendo-nos ouvir, como dirigidas a ela, «estas palavras, doces e cativantes» de Ulisses: *σόβας μ' ἔχει εἰσορόωντα* — «a tua vista infunde-me veneração» (segundo a sua tradução, Odisseia VI, 148, 161).

Truditur dies die (Horácio, Odes II, 18, 15): «um dia destrói o outro dia». Nihil est annis uelocius (Ovídio, Metamorf. X, 520): «nada é mais veloz que os anos.» E eis-nos a prestar justificada homenagem à Prof.^a Doutora Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira. Pedimos-lhe que continue entre nós. Fica bem agora exclamar com o princípio do seu salmo preferido: Dominus illuminatio mea et salus mea, quem timebo? Dominus protector uitae meae, a quo trepidabo? (Sl. 26,1).

A Comissão Redactora